

# TRANSFORMAR

Revista dos Associados e Amigos do Forum Abel Varzim  
Desenvolvimento e Solidariedade

ON-LINE

06



[www.forumavarzim.org.pt](http://www.forumavarzim.org.pt)  
[transformar@forumavarzim.org.pt](mailto:transformar@forumavarzim.org.pt)

JANEIRO 2012

EDITORIAL

## ENCARAR O FUTURO COM ESPERANÇA PAG. 2

**OS DESAFIOS RELIGIOSOS  
DEPOIS DE ASSIS**

# MARCO OLIVEIRA #  
PAG. 4

**"PEREGRINOS DA VERDADE,  
PEREGRINOS DA PAZ!"**

# MARIA ANA MONTEIRO #  
PAG. 6

**SETE MIL MILHÕES DE  
PESSOAS NO MUNDO.  
HAVERÁ RECURSOS  
PARA TODOS?**

PAG. 8

**COMÉRCIO JUSTO EM  
LISBOA**

PAG. 9

**SÓ EXISTIRÁ...  
"A CRISE"?**

PAG. 10

**MEMÓRIAS E OUTRAS  
HISTÓRIAS**

NOVO LIVRO DE ANA VICENTE  
PAG. 11

**ABEL VARZIM E TINTIM**

PAG. 12

**DEUS VEM A PÚBLICO  
UM LIVRO DE ENTREVISTAS DE  
ANTONIO MARUJO**

PAG. 13

**MODELOS DE CONSUMO E  
DE VIDA**

# MARIA DO ROSÁRIO CARNEIRO #  
PAG. 14



# ENCARAR O FUTURO COM ESPERANÇA

## EDITORIAL

O ano que agora se inicia – o ano de 2012 da era cristã – é encarado por muitos com apreensão e incerteza. E, honestamente, há que reconhecer que existem razões para tal. Porém, não podemos, nem devemos, deixar que morra em nós, e nos nossos concidadãos, a esperança que hão-de chegar dias melhores.

Sábias são, a este propósito, as palavras do Papa Bento XVI na sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz, que desde 1968 se assinala todos os dias 1 de Janeiro.

«Olhemos, pois, o futuro com maior esperança, encorajemo-nos mutuamente ao longo do nosso caminho, trabalhem para dar ao nosso mundo um rosto mais humano e fraterno e sintamo-nos unidos na responsabilidade que temos para com as jovens gerações, presentes e futuras, nomeadamente quanto à sua educação para se tornarem pacíficas e pacificadoras»

Nesta sua mensagem o Papa faz o seu enfoque na educação dos jovens para a justiça e a Paz, mas este apelo à esperança e ao trabalho pode e deve ser estendido a todas as outras tarefas humanas onde cada um de nós está envolvido. Se a resposta a este apelo for positiva, seguramente, 2012 será um «Feliz Ano Novo».

A Direcção

«Olhemos, pois, o futuro com maior esperança, encorajemo-nos mutuamente ao longo do nosso caminho...»



No nosso portal, encontram-se ainda disponíveis outros textos adicionados recentemente:



### AS BOMBAS INTELIGENTES DE WALL STREET,

um artigo de Manlio Dinucci, do Centro de Estudos Sereno Regis, sobre alguns aspectos da alta finança mundial;



### O «PODER» E O CONTROLO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL,

recordando os textos que levaram à suspensão, em 1948, de «O Trabalhador», jornal criado pelo Padre Abel Varzim;



### DEZ PRINCÍPIOS DE RESPONSABILIDADE FISCAL,

por : Artur Lemos



### COMPRAR PRODUTOS FABRICADOS EM PORTUGAL PARA APOIAR O EMPREGO,

por: Artur Lemos:

O Forum está presente no Facebook. Lá, pode acompanhar as nossas sugestões e actividades. Siga-nos também no nosso blogue



# OS DESAFIOS RELIGIOSOS DEPOIS DE ASSIS



Texto:

Marco Oliveira

(membro da comunidade Baha'i e autor do blog Povo de Bahá <http://povodebaha.blogspot.com>)

No passado mês de Outubro, vários dirigentes religiosos reuniram-se em Assis, em Itália. O evento tinha como objectivo celebrar os 25 anos do encontro anteriormente promovido por João Paulo II, e simultaneamente convidar a uma reflexão sobre o papel das religiões enquanto caminhos de verdades e construtoras da paz.

É inegável que o encontro de Assis em 1986 teve o mérito mediatizar o diálogo inter-religioso. Com esse exemplo, centenas de comunidades em diversas confissões religiosas perceberam a importância do evento e sentiram a necessidade de realizar eventos semelhantes, contactando com pessoas de outras religiões de uma forma como nunca tinham experimentado até então.

Além do exemplo de João Paulo II, outros motivos levavam os crentes a envolver-se no diálogo com pessoas de outras fés: as sociedades deixaram de ser monolíticas e fechadas; passaram a ser multiculturais, multiétnicas, diversificadas, multirreligiosas e abertas. A isto acresciam ainda profundas mudanças políticas, migrações populacionais e evoluções nas tecnologias de informação que despertavam num número crescente de pessoas o sentimento de viver numa aldeia global.

Todas estas circunstâncias tiveram influência em Portugal. Desde meados da década de 1980, a RTP disponibilizava um espaço de emissão para as confissões religiosas minoritárias. Em 2001, foi publicada a Lei da Liberdade Religiosa, que definiu os princípios, os direitos individuais e colectivos, o estatuto das confissões religiosas e da Comissão de Liberdade Religiosa (CLR), e ainda os moldes de cooperação entre o Estado e Confissões Religiosas. Em 2004 foi nomeada a pri-



meira Comissão da Liberdade Religiosa, que tem por funções apresentar pareceres e propostas sobre projectos de acordos entre o Estado e as confissões religiosas, reconhecimento jurídico Pessoas Colectivas Religiosas e radicação de Confissões Religiosas e composição da Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas.

As iniciativas de carácter inter-religioso multiplicaram-se um pouco por todo o país. Várias conferências inter-religiosas com teólogos e especialistas internacionais decorreram sob o patrocínio da CLR. Diversas entidades organizaram eventos similares um pouco por todo o país. Em Maio de 2006, e com o apoio do Estado Português, foi publicada uma extensa compilação de escrituras sagradas das grandes religiões mundiais. E no ano seguinte vivemos um dos momentos mais significativos com um encontro na Mesquita Central de Lisboa, que contou com a presença do Dalai Lama e representantes de várias confissões religiosas.

## E agora?

Ao olharmos para o passado poderíamos dizer que o diálogo inter-religioso em Portugal tem sido feito de forma gradual e tranquila. Certamente que no futuro crentes e confissões irão procurar desenvolver outros níveis de diálogo e entendimento. E aqui podemos antever dois grandes desafios.

O primeiro desses desafios passa por levar os momentos de diálogo a explorar as diferenças entre as religiões. Convém aqui lembrar, que os encontros inter-religiosos começaram por ser simples ocasiões de afirmação das convicções de cada grupo, para ser tornarem em momentos de descoberta dos valores comuns, onde por vezes se reconheciam os erros cometidos pelas religiões no passado.

Os temas diferenciadores ou polémicos têm sido até hoje evitados ou quase ignorados. Para que o diálogo seja pleno é importante que este tipo de assuntos esteja presente. E aqui o diálogo não deve assumir a forma de um confronto verbal, ou despique teológico; pelo contrário, é preferível que a análise sobre o que divide as religiões decorra num ambiente tão sereno como aquele a que temos assistido em todos os encontros inter-religiosos.

O segundo desafio reside no seio de cada confissão religiosa que se envolve em eventos de diálogo inter-religioso, e leva-nos à necessidade de uma profunda reflexão intra-religiosa. Aqui surge a questão: Qual a coerência que existe na nossa atitude num acto inter-religioso e num acto religioso reservado aos nossos irmãos de fé? Poderemos envolver-nos no diálogo,

apreciar os valores de outras confissões, admirar os valores éticos e morais pelos quais se regem outros crentes, e simultaneamente afirmar perante os nossos irmãos de fé que a nossa religião é detentora exclusiva da verdade, ou que detém uma primazia sobre as outras religiões?

Este desafio exige grande mudança de paradigma nas mentalidades religiosas e abrem-se as portas ao desenvolvimento de teologias pluralistas. Na verdade, este diálogo intra-religioso já se iniciou em algumas confissões. Graças ao constante contacto com pessoas de outras religiões, começa-se a perceber que uma religião que ignore - ou rebaixe - outras religiões é inadequada para um mundo que vive a aldeia global.

Ao olhar para o universo das religiões, os crentes - sem nunca perder a sua própria identidade religiosa - devem perceber qual o papel que a sua religião ocupa nesse universo. No centro do universo das religiões não pode estar uma Igreja, uma Confissão, ou um Manifestante; o centro do pensamento religioso deve ser ocupado por Deus (ou uma certa ideia de Deus). Para a esmagadora maioria das religiões isto é um enorme desafio de renovação e transformação. Mas ao olharmos para o nosso mundo, e tendo consciência da inevitabilidade do diálogo inter-religioso, não podemos deixar de reconhecer que as confissões que têm pretensões exclusivistas devem transformar-se, pois correm o risco de serem consideradas retrógradas e ultrapassadas.

Esperemos que todos consigam estar à altura destes desafios.



## “PEREGRINOS DA VERDADE, PEREGRINOS DA PAZ”



Texto:

**Maria Ana Monteiro**

Aluna do Mestrado Integrado em Psicologia (UL) - Secção de Educação e Orientação, ex-aluna da Emmanuel School of Mission em Roma  
www.esm-rome.com

**B**ranco, preto, laranja, cinzento: Assis encheu-se de cores. Estão juntas mas não se misturam. Vêm de toda a parte – religiosamente falando, claro. Bem, e geograficamente também. São mais de 50 países que ali se juntam: trezentos líderes religiosos e uma multidão de peregrinos. Cristãos, Hindus, Muçul-

manos, Budistas (a lista não acaba). Crentes e não crentes: “Peregrinos da Verdade, peregrinos da Paz!” É este o mote do dia de reflexão, diálogo e oração que os reúne a todos, a convite de Bento XVI: “Trata-se de nos sentirmos juntos neste caminhar para a verdade, de nos comprometermos decisivamente pela dignidade do homem e de assumirmos juntos a causa da



paz contra toda a espécie de violência que destrói o direito”<sup>1</sup>. Passaram-se 25 anos desde que João Paulo II tomou pela primeira vez a iniciativa de convocar um encontro como este. Na altura, os 130 líderes presentes debruçavam-se ainda sobre os receios da Guerra Fria, num mundo dividido ao meio pelo muro de Berlim. Um quarto de século depois, Bento XVI denuncia as novas formas de violência que o mundo enfrenta, enraizadas numa noção distorcida de liberdade e numa “«decadência» do homem, em consequência da qual se realiza, de modo silencioso, e por conseguinte mais perigoso, uma alteração do clima espiritual”<sup>1</sup>. Por um lado, os actos de terrorismo cometidos em nome da religião, e que deturpam e destroem a sua verdadeira natureza. Por outro, a violência que resulta da ausência da religião, da ausência de Deus, e que deixa ao Homem o “ter” e o “poder” como únicas (esvaziantes...) respostas para os seus anseios mais profundos.

Bento XVI avança: “Como cristão, quero dizer, neste momento: é verdade, na História também se recorreu à violência em nome da fé cristã. Reconhecemo-lo, cheios de vergonha. Mas, sem sombra de dúvida, tratou-se de um uso abusivo da fé cristã, em contraste evidente com a sua verdadeira natureza. O Deus em quem nós, cristãos, acreditamos (...) é «Deus do amor e da paz» (2 Cor 13,11).

Entre a multidão, uma monja Hindu identifica-se com as palavras do Santo Padre: “Sinto-me muito próxima de Bento XVI. O evento de hoje é um gesto muito bonito da parte do Papa, uma mensagem de esperança e de paz. Entre as muitas palavras que o ouvi dizer, tocou-me sobretudo a ideia de que Deus é amor. A palavra “amor” é aquilo que nos une a todos”<sup>2</sup>.

Unidos mas não fundidos - cores que se juntam sem se misturar: os momentos de oração decorrem separadamente, cada um segundo a sua tradição e costume. No final, 300 vozes diferentes renovam um mesmo compromisso pela paz, condenando a violência em nome de Deus e comprometendo-se num perdão mútuo, na promoção de um diálogo sincero e paciente, na educação das pessoas para a paz, e na construção da justiça e da amizade entre os povos. Esperança para o mundo neste momento histórico! - reflexo do trabalho levado a cabo dia-a-dia por milhões de pessoas em toda a parte.

Em altura de despedidas, fica a certeza de que “não nos separamos; continuaremos a encontrar-nos, a estar unidos neste percurso, em diálogo, na edificação diária da paz e no nosso compromisso em prol de um mundo melhor, no qual cada homem, mulher e todos possam viver de acordo com as suas legítimas aspirações” (Bento XVI).<sup>3</sup> Somos hoje – mas também amanhã e sempre: “peregrinos da Verdade, peregrinos da Paz”!

<sup>1</sup> Bento XVI: discurso de boas vindas;

<sup>2</sup> ZENIT: “Pope in Assisi”;

<sup>3</sup> ASSISI, Italy, OCT. 28, 2011 - discurso de despedida BXVI

## SETE MIL MILHÕES DE PESSOAS NO MUNDO HAVERÁ RECURSOS PARA TODOS?

No dia 31 de Outubro de 2011, segundo as estimativas das Nações Unidas (ONU), nasceu o habitante número sete mil milhões do planeta Terra. A pergunta que se coloca espontaneamente é se haverá alimentos e condições de dignidade para tanta gente, num mundo cada vez mais afectado pela devastação do meio ambiente.

“Com planeamento e os investimentos correctos nas pessoas no presente, o nosso mundo de sete mil milhões pode ter cidades sustentáveis e prósperas, uma força de trabalho produtiva que alimente as economias e populações jovens que contribuam para o bem-estar das suas sociedades”, escreve Babatunde Osotimehin, director-executivo do Fundo para a População da ONU (UNFPA) e autor do relatório das Nações Unidas, O

Estado da População Mundial 2011, apresentado no dia em que aquele número foi ultrapassado.

Trata-se de um documento que reflecte aprofundadamente sobre a situação que se vive neste começo do Séc. XXI, em oito capítulos: Um olhar mais próximo ao nosso mundo de 7 bilhões de habitantes; Juventude: um novo poder global reconfigura o mundo; Segurança, poder económico e independência no envelhecimento; O que influencia a fecundidade?; Decisão de mudar: impacto e poder da migração; Planejar com antecedência o crescimento das cidades; Compartilhar e sustentar os recursos da Terra; O caminho à frente: concluir a Agenda do Cairo.

### Os números e a esperança

De acordo com este documento, ficamos a saber que a Ásia concentra 60% da população mundial, com 4,2 mil milhões de pessoas, mas a maior taxa de crescimento regista-se em África, cuja população superou mil milhões em 2009 e deve chegar aos dois mil milhões em 2044. A China continua a ser o país mais populoso do mundo, com 1,35 mil milhões, seguido pela Índia com 1,24 mil milhões.

Apesar de haver muitas vezes a referirem que factores como a excessiva concentração urbana, a degradação ambiental e a escassez de comida, serviços de saúde, educação, recursos naturais e empregos, representam um forte potencial de tensão a nível planetário, este relatório sublinha que mais importante do que olhar apenas para os números, «devemos pensar sobre como fazer do planeta um lugar melhor para as pessoas viverem». Na mesma linha, o director-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e

 Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011



Alimentação (FAO, na sigla original em inglês), José Graziano da Silva, refere que «erradicar a fome é uma meta razoável e alcançável», acrescentando, no entanto, que «a questão dos preços dos alimentos é uma das mais urgentes e à qual devemos ter uma atenção particular», sublinhando que «este não é um desequilíbrio temporário, é preciso chegar a uma estabilização dos mercados financeiros internacionais, caso contrário haverá reflexos sobre as cotações das matérias-primas».

**NOTA:** Havendo, em relação a certos numerais, terminologias distintas, convém esclarecer que “mil milhões” em Portugal corresponde a “um bilhão” no Brasil. O documento aqui referido - uma tradução oficial da ONU - utiliza a terminologia brasileira.

[Leia aqui o Relatório na íntegra](#) 

## COMÉRCIO JUSTO EM LISBOA

O CIDAC - CENTRO DE INTERVENÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO AMILCAR CÂBRAL, PIONEIRO DA INTRODUÇÃO EM PORTUGAL DO CONCEITO DE COMÉRCIO JUSTO (EM 1998) ABRIU EM LISBOA, A SUA PRIMEIRA LOJA

Saber mais em [www.cidac.pt](http://www.cidac.pt)



## SÓ EXISTIRÁ... "A CRISE"?

**S**e lermos os jornais, olharmos para a televisão ou ouvirmos rádio, somos bombardeados com imagens, opiniões que nos falam DA CRISE.

É um facto que ela existe, e o cidadão não está isento de responsabilidade no facto. O MUNDO, e portanto a UNIÃO EUROPEIA, não param.

E na União Europeia, o Parlamento Europeu continua as suas tarefas. É bom olharmos para o que continua a ser feito, para consolidar esta U.E. que, alguns, parece quererem esfrangalhar.

Com efeito no passado dia 17, A Comissão dos Negócios Estrangeiros do Parlamento Europeu adoptou, por esmagadora maioria (55 votos a favor, 0 contra e 5 abstenções) o Projecto de Relatório da Revisão da Política Europeia de Vizinhança **veja aqui o documento** que tem como principais objectivos consolidar a segurança, a estabilidade democrática e a prosperidade nos nossos países vizinhos.

Vejamos as palavras do eurodeputado Mário David, Membro do Parlamento Europeu e Relator deste documento para a sua dimensão Sul:

«Com esta votação, conseguimos obter um texto coerente e abrangente, que irá aproximar ainda mais a U. E. dos nossos países vizinhos, tanto a sul como a leste da Europa. Na realização deste Relatório, não fomos influenciados nem ideologicamente, nem geograficamente, nem partidariamente. Fomos sim guiados por uma forte ideia de que a Política de Vizinhança Europeia poderá ser mais eficiente, mais justa e mais orientada pelos valores».

Aquele Eurodeputado, Presidente da Delegação para as relações com os países do Maxerique e Membro da Delegação da Assembleia Parlamentar da União para o Mediterrâneo afirmou ainda que "somente um maior envolvimento das comunidades e autoridades locais e da sociedade civil poderão assegurar uma eficácia máxima na implementação da nossa Política de Vizinhança. A ideia é a de 'dar a palavra' aos cidadãos, bem como a todos os movimentos da sociedade civil que se identificam com os nossos valores, dando apoio a movimentos organizados que se esforçam por obter mudanças positivas e democráticas nos seus países: melhorando os direitos das mulheres e das crianças, construindo e aprofundando os princípios democráticos da liberdade (de expressão, de associação, de crenças religiosas, de imprensa, de escolha, etc.), eleições justas ou combate à corrupção, o Estado de Direito, maior justiça social, o respeito pelas minorias, protecção ambiental e eficiência dos recursos".

O Relatório será votado na próxima reunião plenária, a ocorrer, em Dezembro.

Como vemos, há mais mundo além da CRISE...

JMG

[Para saber mais]



## MEMÓRIAS E OUTRAS HISTÓRIAS

### Novo livro de Ana Vicente

Quando à estampa há poucas semanas e já disponível na generalidade das livrarias do país, Memórias e outras Historias (com a dupla chancela Temas e Debates / Círculo de Leitores) é o mais recente livro de Ana Vicente, que dá a conhecer por escrito um vasto conjunto de episódios e vivências pessoais, que se revela um importante documento para a compreensão de alguns aspectos das dinâmicas de militância do seu tempo.

Desde a sua infância e juventude até à história e contextualização dos vários livros que escreveu, passando pelas suas actividades profissional e como activista pelos direitos humanos e pela cidadania (tanto no contexto social e político – antes e depois do 25 de Abril –, como no contexto eclesial), esta obra revela o percurso de uma mulher que sempre tem procurado bater-se pela dignidade dos seus semelhantes e que disso dá testemunho com simplicidade.

Transcrevemos aqui a página em que dá conta da sua ligação ao Fórum Abel Varzim e evoca um dos seus fundadores, Manuel Bidarra de Almeida.

«Também sou sócia, muito passiva, do Fórum Abel Varzim. Trata-se de uma associação que deseja prestar homenagem à memória de um padre exemplar (1902-1964), que deixou marcas profundas na vida de muita gente. Sofreu perseguições políticas e religiosas insuportáveis, porque era uma figura incómoda, apaixonado pela justiça social. Quando prior da freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, no Chiado, em Lisboa, criou uma série de serviços de apoio à população pobre, com destaque para a reintegração social das prostitutas, ações estas muito inéditas e que depois se espalharam por outros pontos do país. Possuído de uma grande serenidade e paz de espírito, passou pelo mundo transformando para melhor tudo e todos, alimentando-se na fé em Deus. Por que não haverá mais padres Abel Varzim ou pessoas Abel Varzim? Provavelmente o nosso nível humano é, em média, tão baixo que não seria aguentável. Por isso é que os Abel Varzim deste mundo são inevitavelmente perseguidos pelos poderosos e amados pelos destituídos.

O Fórum foi fundado por gente que o conheceu bem e com ele trabalhou, na Ação Católica, entre outros João Gomes e Manuel Bidarra de Almeida. Tenho (tinha) o gosto de os ter a ambos como amigos. Entretanto, em setembro de 2010 surgiu a triste notícia da morte do Manuel, mais uma pessoa que desaparece repentinamente da minha vida, deixando-me com sentimentos de perplexidade e lamento, por não ter aproveitado mais da sua sabedoria e sensatez. Era imensamente afável, disponível, frontal e interessado naquilo que fazia há já algum anos – principal responsável pela editora Multinova. No tempo da ditadura pertenceu ao grupo de católicos que combatiam o regime e foi um dos dirigentes mais marcantes da JOC.»



# ABEL VARZIM E TINTIM

**A propósito do êxito que tem sido nos cinemas a adaptação que Steven Spielberg fez das aventuras de Tintim, lembramos aqui a importância que o Padre Abel Varzim teve para a introdução em Portugal das aventuras daquele herói de banda desenhada, criado por Georges Remi, mais conhecido por Hergé.**



A história não é difícil de contar: no início dos anos 30 do século passado, Abel Varzim, jovem padre, estava a estudar na Bélgica, mais concretamente em Lovaina, numa das mais importantes universidades católicas da Europa. Varzim, tal como outros padres portugueses, fazia questão de tomar contacto não só com os sacerdotes locais, como com individualidades da cultura e conhece o Padre Norbert Wallez, director do jornal *Le Vingtième Siècle*, que publicava o suplemento juvenil *Le Petit Vingtième*, no qual apareceram as primeiras aventuras de Tintim. Daí até chegar à fala com Hergé foi um passo. Como o sacerdote português tinha estado envolvido, anos antes, na criação de vários meios de comunicação da Igreja, onde se incluía a revista *O Papagaio*, dirigida por Adolfo Simões Müller, a ponte entre as duas revistas é estabelecida e Portugal torna-se no primeiro país não francófono a poder ler na própria língua as peripécias do jornalista que encantou leitores do 7 aos 77 anos.

A edição portuguesa surge com algumas alterações em relação ao original, nomeadamente o facto de, ao contrário do original, esta ser colorida, o que motiva uma carta, recentemente revelada, com data de 12 de Maio de 1936, em que Hergé diz a Abel Varzim, entre outras coisas: «Fiquei encantado por ver os meus desenhos aparecerem a cores».



## Conservas como direitos de autor

Num artigo sobre este assunto, no n.º 26 da revista *Transformar* (Julho/Setembro de 2005), o jornalista Paulo Aido, através de Guilherme d'Oliveira Martins, cita o especialista em Banda Desenhada Carlos Pessoa, que refere que «A segunda Guerra Mundial obrigou Hergé a refugiar-se, em 1940, em França, residindo durante algum tempo em casa de Marijac, um criador francês de BD. É daí que escreve a Adolfo Simões Müller, pedindo-lhe para ser pago não em dólares, mas em géneros alimentares, que se destinavam a um irmão, Paul Remi, prisioneiro de guerra dos alemães durante cinco anos. Em Setembro de 1941 numa altura, portanto, em que Tintim já era lido em Portugal n' *O Papagaio*, Hergé escreve de novo ao [seu] director para lhe agradecer o envio de alimentos ao irmão e também um cabaz de biscoitos, café, cacau, chocolate, açúcar e enchidos que ele próprio recebera entretanto de Portugal».

# DEUS VEM A PÚBLICO

Livro de António Marujo

**D**eus vem a Público – um livro de entrevistas da autoria de António Marujo, «Deus vem a Público – Entrevistas sobre a transcendência» é uma obra que mostra, através de uma pluralidade de olhares, o mistério do insondável. Com a chancela da «Pedra Angular», o I Volume da obra resgata vozes diferentes nas dezenas de entrevistas feitas pelo jornalista do jornal «Público».

Como diz o autor na introdução, “há palavras que mudam vidas, há olhares que tocam para sempre”, e os entrevistados – católicos ou protestantes, muçulmanos ou Judeus, budistas ou não crentes - tiveram o dom de deixar a sua marca nas respostas dadas ao jornalista.

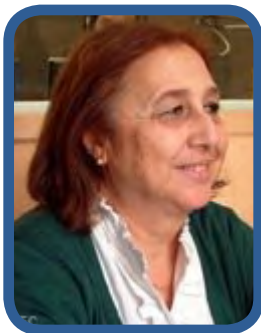
Nas perguntas e respostas debatem-se “cortinas de dogmas que por vezes tolem a possibilidade de um debate sério e mais rico sobre muitas das questões que a Deus e à humanidade dizem respeito”.

“Tive sempre a convicção de que era importante trazer para a praça pública vozes e modos de olhar diferentes do quotidiano”, sublinha António Marujo nas páginas iniciais da obra.

(Luís Filipe Santos – Agencia Ecclesia)



# OS DIAS DO DESENVOLVIMENTO



**Texto:**

Maria Rosário Carneiro

## MODELOS DE CONSUMO E DE VIDA

**M**aria Rosário Carneiro é membro da Comissão Nacional Justiça e Paz. Nessa qualidade apresentou uma reflexão, durante uma reunião em Fátima onde estiveram presentes membros das Comissões Diocesanas Justiça e Paz, subordinada ao tema: «Transformações no nosso modelo de consumo e de vida, impostas pela construção de uma sociedade mais sustentável e solidária, centrada nos valores evangélicos». A importância do tema e a qualidade da exposição justificam que se apresentem os aspectos essenciais dessa reflexão.

### O modelo de consumo ocidental

Quando se aborda as questões relacionadas com o consumo, torna-se necessário proceder à identificação do que é visível, ou seja, as características mais significativas do modelo vigente, que pode ser analisado tendo presente diversos aspectos, como sejam: consumismo, individualismo, desigualdades, lucro, indiferença, privação, eu individual e presente imediato

O consumismo não tem a ver só com o usar para além do necessário, mas também com a postura que temos uns para com os outros relativamente àquilo que se adquire. Dá-se, por isso, uma desvalorização dos bens consumidos e da relação que faz parte da postura aquisitiva.

A organização da sociedade evoluiu no sentido da centralidade do indivíduo. Esta postura condiciona fortemente toda a maneira como é construído o modelo.

Aquelas duas características são cruciais num

modelo que é desequilibrado. Está-se perante a ausência do bem-comum, do ser solidário. E se o consumo é material, detecta-se também a irrelevância da relação e da percepção do outro. O destino universal dos bens deixa de ter sentido. Instala-se então a desigualdade, o que torna insustentável a sociedade do bem-estar. Em ligação com os aspectos apontados surge a noção de um lucro desenfreado. E esta perspectiva tem a ver com o desrespeito por bens que não são meus, gerando a indiferença perante a privação do outro.

Uma pergunta a colocar é a de saber o que é preciso, o que é necessário, o que é suficiente, o que desejo. E o desejo é revelador do que nos falta e do que pensamos que vamos ter. Frei Bento Domingues dizia que é necessário reflectir sobre o desejo. Qual a hierarquia do desejo? Tem que haver uma reconversão do desejo, que deve ser reaprendido em relação aos comportamentos induzidos pela publicidade. As nossas necessidades, que explicitamos como desejos, foram em grande parte perspectivadas desde há anos pelas multinacionais. Se posso, tenho, independentemente das consequências. Existe uma fruição obscena dos recursos, ao nível macro. Parece que a sociedade eliminou o conceito de limite. Qual o limite do desejo? Ora, sem a percepção do limite e do outro, deixa-se de ser responsável pelo meu irmão.

### Os princípios para uma sociedade justa

A Doutrina Social da Igreja (DSI) está alicerçada em princípios, designadamente: a dignidade humana, o destino universal dos bens, a opção pelos pobres, a luta pela justiça, a gratuidade, o bem comum.

No que respeita à **dignidade humana** recorda-se: Só o homem é pessoa, livre. Consciente e por isso centro e vértice de tudo o que existe na terra. Mas a dignidade não se define pelo que se tem, mas pelo que se é. Todos somos iguais, todos somos chamados a participar, todos

temos um valor insubstituível. A natureza social da pessoa: a felicidade de cada um, a sua autorrealização só se alcança na medida da abertura ao outro e em que se assume como “um ser para os outros”. A participação: a convivência humana obriga a todos darem o seu contributo único e irrepitível na construção de uma sociedade que favoreça a solidariedade, a justiça e a paz.

Em relação ao **destino universal dos bens**, tenhamos presente que:

Deus deu a terra aos homens para que a domine com o seu trabalho e goze dos seus frutos; para que ela sustente todos os seus membros sem excluir nem privilegiar ninguém. (a terra foi criada em comum para ricos e pobres, os ricos são administradores e não donos);

Os bens criados devem favorecer todos – este é o primeiro dos direitos, um direito prioritário;

Todos têm direito de encontrar na terra o que lhe é necessário; este é o primeiro princípio de toda a ética social;

Todos somos obrigados a partilhar não só do supérfluo, mas também do necessário.

O salário justo, o subsídio de desemprego, a justa repartição das riquezas e dos bens.

O Princípio da **opção pelos pobres** é uma manifestação da universalidade da essência e da missão da Igreja, opção essencial e estruturante

Deus: intervém na história em favor dos mais oprimidos, castiga os opressores. Os pobres são os que carecem dos mais elementares bens materiais em contraste com a acumulação da riqueza nas mãos de uma minoria e são também aqueles que têm carências ano plano da dignidade humana, que carecem de uma plena participação social e política. Esta opção pelos pobres obriga a uma nova forma de olhar a partir do pobre, a um modo diferente de ver os pobres (um irmão em Cristo, ele também responsável pela construção da sociedade e do futuro) e a uma nova maneira de viver – criando novos estilos de vida e de modelos de produção, de consumo e de poder.

A **Luta pela justiça** é outros dos princípios essenciais à felicidade humana.. Sem justiça a caridade fica abstracta, desencarnada, sem caridade a justiça pode tornar-se cega e desumana. A justiça não é apenas dar a cada um o que é seu mas reconhecer a dignidade e os direitos do próximo. É essencial na transformação das estruturas sociais e por isso é necessário educar para a justiça e trabalhar contra o individualismo e a posse imoderada de bens.

**O princípio da gratuidade** é: solidariedade, subsidiariedade, disponibilidade para servir. Tudo o que temos foi-nos dado gratuitamente, e por isso somos chamados a partilhar gratuitamente com os outros.

A. Solidariedade: é um hábito de vida, firme e perseverante, exigência de empenhamento pelo bem comum, implica a capacidade de renunciar a alguma coisa. A solidariedade aparece como consequência de uma comunicação verdadeira e justa relação de ideias que favoreçam o conhecimento e respeito pelos outros. É sempre respeitadora do outro. A Subsidiariedade: inclui o dever de permitir a cada cidadão atingir com facilidade e em plenitude a sua realização pessoal no serviço à comunidade, impõe uma repartição de tarefas e um absoluto respeito por essa repartição. A Disponibilidade para servir: disposição interior para estar ao serviço de todos e atitude exterior de abertura às necessidades solicitações dos outros.

O. Bem comum pode definir-se como o conjunto de condições sociais que permitem e favorecem nas pessoas o desenvolvimento integral da personalidade. É pluralista e democrático, tem um carácter dinâmico, institucional e totalizante. Exige: emprego para todos (na medida do possível), evitar a constituição de categorias privilegiadas, manter uma justa proporção entre preços e salários, tornar acessíveis bens de interesse geral, eliminar ou reduzir os equilíbrios entre os sectores económicos, adaptar as estruturas produtivas ao progresso da ciência e da técnica, moderar o teor de vida já alcançado com vista a respeitar as gerações vindouras, evitar a concorrência desleal entre as economias dos diversos países, favorecer a colaboração entre economias, e cooperar para o desenvolvimento dos menos desenvolvidos.





ON LINE

# TRANSFORMAR

Os associados que pretendam efectuar o pagamento das quotas por transferência bancária, podem usar o NIB: 0035-0698-00022001930-29

[www.forumavarzim.org.pt](http://www.forumavarzim.org.pt)  
transformar@forumavarzim.org.pt

Design: nelsongarcez ©  
JANEIRO 2012



## As transformações necessárias e urgentes

Alterar este modelo de consumo e de vida é uma tarefa urgente. Essas transformações têm a ver com as aprendizagens com o outro e com os bens: aprender a relação, aprender a fruição, aprender a contenção e aplicar movas pedagogias que conduzam à partilha, à qualidade da relação humana, à interdependência e à solidariedade. O Frei Fernando Ventura define quem é o outro: outro é o meu próximo; o próximo é aquele com quem eu vivo e sou relação de vida partilhada. H. Nowen lembra que devemos escolher ouvir a voz de Deus e cada escolha nos ajudará um pouco mais a escolher a nova vida escondida em cada momento, à espera vivamente de nascer". O Cardeal Poupard acrescenta que a esperança é uma virtude estratégica dos tempos trágicos. Para ter esperança é preciso acreditar. Para acreditar é necessária a verdade. É necessário falar da tristeza, dar-lhe um nome, encontrar conforto, recuperar esperança uns aos outros como eu vos amei. É por isso que é necessário para transformar esta forma de ser e estar Amar até ao fim sem limite, não desistir. Somos nós, cada um de nós, cada sítio é um ponto de construção. A vida é feita de repetições banais que edificam, das repetições de cada um (*ninguém é dispensável, cada um é amado individualmente, cada um tem uma missão irrenunciável*) Há que estudar, aprender sempre e ter a humildade de reconhecer que "sozinho, nada posso": diagnosticar, tomar consciência, identificar actuar.